



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Tainan de Freitas Manso

UM SER PALHAÇO: Motivações e Emoções

Estudo sobre o palhaço de hospital

Rio de Janeiro

2016

Tainan de Freitas Manso

UM SER PALHAÇO: Motivações e Emoções

Estudo sobre o palhaço de hospital

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
– Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico em Gerência em Saúde.**

Orientador(a): Maria Luiza Silva Cunha

Rio de Janeiro

2016

Dedico esse trabalho à todos os profissionais que se dispõem a trabalhar com a arte da palhaçaria, fazendo com que as pessoas se sintam melhor no local onde estão sendo tratadas, seja em um hospital ou em uma unidade básica de saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram e me apoiaram nessa etapa da minha vida.

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu forças e ânimo para chegar até aqui. Depois, agradeço à minha família que esteve ao meu lado em todos os momentos, à escola por me oferecer essa oportunidade, à minha orientadora Maria Luiza e à Ray Luiza Müller pela paciência que tiveram comigo durante esse tempo. Também agradeço aos meus amigos por me ajudarem e me apoiarem nas minhas decisões.

“Se tivesse
acreditado na
minha brincadeira
de dizer verdades
teria ouvido
verdades que teimo
em dizer
brincando, falei
muitas vezes como
um palhaço, mas
jamais duvidei da
sinceridade da
plateia que sorria”.

(Charles Chaplin)

RESUMO

Este trabalho parte da perspectiva de que a saúde é um campo multidimensional e que a sua abordagem envolve uma atuação de múltiplos sujeitos, em uma perspectiva transdisciplinar. Nesse sentido, a sua abordagem é ampla e variada, se beneficiando de técnicas das diferentes profissões da saúde, mas também da arte. Assim se destaca como tema de investigação a arte da palhaçaria e a subjetividade do palhaço em sua atuação nos hospitais. Como objetivo geral, busca-se compreender as motivações e emoções de trabalhadores que utilizam a arte da palhaçaria em hospitais. Para tal, pretende-se descrever a história da palhaçaria e compreender a relação da arte da palhaçaria e o trabalho em saúde.

O trabalho está baseado em uma abordagem qualitativa da realidade. Parte da revisão da literatura, por meio da busca nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores palhaço de hospital, subjetividade, promoção da saúde e riso. A partir disso, foram feitas entrevistas com três profissionais do grupo Roda Gigante, que trabalha com a palhaçaria hospitalar em cinco hospitais públicos no município do Rio de Janeiro.

Os resultados apontaram o significado que a atuação como palhaço de hospital tem para cada profissional entrevistado e o que os motiva a seguir com esse trabalho, além de esclarecer um pouco mais sobre a formação e a forma como atuam.

Conclui-se que o trabalho do palhaço de hospital tem como base a interação, a autonomia e o encontro entre os diferentes sujeitos, aspectos essenciais para o trabalho em saúde na perspectiva promoção e humanização da saúde.

Palavras-chave: palhaço de hospital, subjetividade, promoção da saúde e riso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O PALHAÇO DE HOSPITAL	10
2.1 QUEM É O PALHAÇO DE HOSPITAL ?.....	11
2.2 O RISO	13
3 MOTIVAÇÃO E EMOÇÃO	14
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	18
5 CONCLUSÃO	32
6 ANEXO 1	37
7 ANEXO 2	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo buscou-se analisar de que forma a arte da palhaçaria motiva a quem trabalha com ela, investigando sobre o que o leva a fazer tal trabalho e o que esse profissional sente enquanto pessoa na realização do mesmo. Para tal, partiu-se da descrição da história da arte da palhaçaria, com vistas a compreender a relação entre essa arte e o trabalho em saúde.

Este tema foi escolhido a partir de um trabalho de integração (T.I), oferecido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), para os alunos do segundo ano das Habilitações Técnicas de Gerência em Saúde e de Análises Clínicas, em que foi abordado o papel do palhaço de hospital e a influência do riso na saúde, tendo por referência o conceito de promoção da saúde. Por meio dessa atividade acadêmica, elegeu-se a arte da palhaçaria e a subjetividade do palhaço em sua atuação nos hospitais como tema por considerar que o mesmo foi pouco explorado e por entender a sua relevância para o trabalho em saúde.

O palhaço de hospital não é como o palhaço comum, que vemos na TV ou quando vamos a um circo. E são essas especificidades que buscaremos explorar ao longo deste trabalho.

Ao eger-se como tema a forma como a arte da palhaçaria motiva a quem trabalha com ela, buscou-se abordá-lo através de uma pesquisa qualitativa, que é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades (NEVES, 1996).

A pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório, uma vez que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Na pesquisa qualitativa, os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários do público entrevistado (NEVES, 1996)

O método qualitativo identifica e analisa em profundidade dados de difícil mensuração, como sentimentos, sensações e motivações que podem explicar determinado comportamento.

Usou-se como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores palhaço de hospital, subjetividade, promoção da saúde e riso.

Buscou-se não somente responder questões fixas, mas saber sobre as experiências do profissional, analisando a narrativa de sua trajetória e tentando compreender literalmente o que

o motivou e continua motivando para fazer tal trabalho e qual a emoção sentida através de suas ações.

Nesse período de pesquisa, estudamos o ser que está por “trás das câmeras” e vimos a subjetividade desse profissional através de entrevistas realizadas com três palhaços do grupo Roda Gigante, que é um grupo patrocinado por algumas empresas visando “ampliar percepções, alterar atitudes e promover um novo olhar sobre as relações de cuidado no ambiente hospitalar” (<rodagigante.org> Acesso em: 07 de set. 2015).

O grupo desenvolve uma pesquisa continuada sobre a atuação do palhaço e as possibilidades de intervenção na sociedade promovendo encontros que produzam saúde. Eles atuam em cinco hospitais públicos cariocas, além de realizar oficinas e espetáculos, buscando interromper a atividade cotidiana de crianças, jovens e profissionais de saúde. (<rodagigante.org> Acesso em: 07 de set. 2015).

O grupo Roda Gigante não faz um trabalho voluntário. É um grupo patrocinado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de 1991, recebendo o nº 3659/91. A atuação dos seus integrantes se faz sempre em duplas, que se revezam ao longo dos anos, assim como nos hospitais em que trabalham, nos quais também se revezam.

Parte-se então das seguintes questões de investigação: Qual será a origem do palhaço de hospital? Quais as emoções sentidas por ele? O que o motivou e o levou a exercer esse ofício?

E para responder a essas perguntas aprofundou-se o tema a partir da revisão sobre o histórico da palhaçaria, sobre a diferença entre o palhaço comum e o palhaço de hospital, sobre o que o riso pode nos proporcionar e suas diferentes definições e sobre o palhaço de hospital e sua subjetividade.

2 O PALHAÇO DE HOSPITAL

Com a finalidade de tornar o ambiente hospitalar mais humanizado e menos assustador, surge a arte da palhaçaria (ROVENA, 2011). Um dos primeiros grupos a se formar foi o *Clown Care*, criado pelo norte-americano Michel Cristensen, em 1986. A organização, que está em atividade até os dias atuais, visita hospitais usando o humor para ajudar na recuperação das crianças internadas (ROVENA, 2011).

Em 1988, o brasileiro Wellington Nogueira passou a integrar a trupe americana e quando voltou ao Brasil, resolveu tentar aqui um projeto parecido. Foi assim que as primeiras duplas do grupo então denominado Doutores da Alegria começaram o trabalho no Hospital da Criança de São Paulo, em 1991.

O mesmo aconteceu na França, com o grupo *Le Rire Medecin* e Alemanha, com o *Die Klown Doktoren*.

De lá pra cá centenas de iniciativas semelhantes foram realizadas no Brasil. Hoje existem alguns grupos brasileiros como o Hospitalhaços, Enfermaria do Riso, Roda Gigante, Baguncitos, Doutores da Alegria. Além deles há também o Palhaço Matraca que utiliza essa arte para interagir de forma divertida com a população de rua e com profissionais do sexo, onde vemos isso a partir dos curtas metragens intitulados “Matraca e Povo Invisível” e “Na Pista”.

O trabalho constrói a subjetividade, a identidade e tem relação direta com a saúde e a realização pessoal do trabalhador. Para Freud apud Viana (2010) o trabalho dá um certo rumo à vida, além de proporcionar uma noção de realidade e possibilitar uma certa relação entre as pessoas. O trabalho faz com que a pessoa se organize interna e externamente para que possa conviver consigo mesmo e com o social. Enriquez apud Viana (2010) diz que "o trabalho é, atualmente, o melhor método de se vencer a loucura", pois dá a possibilidade de existir e de criar uma identidade, fazendo com que o sujeito não somente produza, mas transforme a si mesmo. A pessoa que não trabalha está sujeita a uma série de problemas, inclusive à depressão (VIANA, 2010).

Para Dejours apud Viana (2010), trabalhar é construir o seu diferencial, a sua subjetividade. O sujeito ao conviver com a realidade do trabalho aprende a lidar com os modos de pensar, agir e sentir, individuais ou coletivos (MENDES, 2013). O trabalho dá a oportunidade de aprendizado, o sujeito pode criar e transformar, ele promove a mobilização subjetiva do trabalhador, por isso ele é gratificante e prazeroso. O trabalho coletivo faz com que as pessoas preservem as diferenças, mas lutem por objetivos comuns.

E com o palhaço de hospital não é diferente, assim como colocou Mendes (2013), o palhaço também precisa saber lidar com os modos de pensar, agir e sentir de cada paciente, pois cada um possui uma identidade, um jeito e uma receptividade diferente.

2.1 QUEM É O PALHAÇO DE HOSPITAL?

Clown também se traduz por palhaço, mas as duas palavras têm origens diferentes. Clown, no inglês, segundo Ruiz apud Viana (2010), está ligado ao termo camponês "clod", ao rústico, a quem com artificiosa torpeza faz o público rir. Já o palhaço vem do italiano "paglia" (palha), usada para revestir colchões. A primitiva roupa do palhaço era feita do mesmo tecido grosso e listrado do colchão, fazendo do cômico um verdadeiro colchão ambulante.

"Quem nunca riu dos seus sapatos? São grandes por que não teve dinheiro para comprar o seu número. Quem nunca riu do nariz? É vermelho por que toda hora se esfrega para esquentar do frio, da cachaça ou da poeira. Quem nunca riu dos seus adereços? Chapéu furado, calça remendada ou cueca rasgada. E quem nunca chorou quando o palhaço é maltratado, segregado ou perde a sua bailarina? Estamos falando do nariz vermelho, um código de libertação do espírito" (MATRACA, 2011, p.7).

O palhaço tem liberdade de ser e criar, utilizando de constantes improvisações. Ser palhaço não é apenas colocar um nariz vermelho, uma roupa engraçada e contar piada. Essa profissão é muita séria, sincera e respeitosa, onde o palhaço representa o fracasso humano, o ridículo que há em cada um de nós e na sociedade. De acordo com Jaques Lecoq "Ele não representa. Ele é". Ser palhaço é deixar que todos vejam o seu lado frágil, aquilo que chamamos de defeitos. O palhaço diz verdades que escondemos e por isso rimos, porque ele diz essa verdade de uma forma exagerada ou brincando com a situação. O palhaço não aponta os defeitos de ninguém. Ele deixa que os outros apontem, que os outros percebam. Ele mostra de uma maneira sutil e sincera, o que todo mundo tenta esconder. O cômico ri de suas fraquezas (<fasc.com.br/operacaoderiso/?Dados=opalhaco> Acesso em 28 de jan.2016).

De acordo com o grupo Operação do Riso, quando o palhaço foi levado ao hospital, se abriram portas para um universo de possibilidades de troca, de riso, de jogo, que só esta figura pode proporcionar. Em um ambiente onde todas as ações devem ser medidas com exatidão, sem dar a menor chance para o erro, o palhaço de hospital instaura um novo espaço onde vale cantar, dançar, falar bobagens e rir de si mesmo. A arte pode fazer isso: transformar espaços e pessoas. O objetivo é tirar por alguns minutos o paciente do seu estado de "paciente", dando a ele a oportunidade de viajar com os palhaços para um lugar novo, onde tudo é possível

([fasc.com.br/operacao de riso/?Dados=opalhaco](http://fasc.com.br/operacao_de_riso/?Dados=opalhaco)>Acesso em 28 de jan.2016).

O palhaço de hospital se dirige ao que é saudável numa criança que está internada, no intuito de manter viva a sua possibilidade de criar, de sonhar, de rir. De fato, o mundo do palhaço é bem diferente daquele do hospital, mas seu universo está muito próximo ao da criança, essa proximidade cria rapidamente uma grande cumplicidade entre eles. A aproximação, num segundo plano, com os médicos e enfermeiros e mesmo os acompanhantes se dá através da própria criança (ACHAR, 2007).

O trabalho do palhaço de hospital mostra que é possível a junção de dois domínios: o da arte e o da saúde. O palhaço através de sua simplicidade e bom humor consegue fazer o que poucas pessoas fazem: enxergar o seu próprio ridículo. Ele consegue transformar as suas fraquezas e limitações em recursos, assim se conhecendo e conhecendo o outro, transformando uma relação fria em algo bem diferente, estimulando a comunicação e chamando atenção para a ligação entre corpo e indivíduo, médico e paciente.

De acordo com os Doutores Palhaços, o palhaço de hospital não é nem um terapeuta e nem um palhaço comum. Não existe show, não existe o grande público, é uma conexão humana, um momento de cada vez, um paciente de cada vez, um coração de cada vez (narizvermelho.pt/Os-Doutores-Palhacos>Acesso em 28 de jan.2016)

O palhaço é um ser como qualquer outro, ele chora, ri, fica triste, alegre, pode beber ou fumar, como também pode não fazer nada disso. Não é sempre que ele vai conseguir fazer o outro rir ou agradar a todos, ele precisa estar pronto para qualquer tipo de reação do paciente ao qual está lidando. Para isso a sua atuação no hospital envolve formação e a utilização de técnicas.

O ser palhaço é algo subjetivo, estamos falando de um ser humano, com limitações e diferentes tipos de motivações e emoções. Existem palhaços que atuam com a motivação de ver que seu trabalho foi simplesmente realizado, cumprindo o seu papel de ator, ele possui técnicas para isso. Assim como também há palhaços que se envolvem e se entregam para o que fazem, querendo que essa simples atuação tenha algum efeito no seu "público".

Vemos que no caso de Patch Adams ele não estava somente cumprindo seu papel, ele queria mais que isso. Em uma entrevista concedida ao programa Roda Viva, ele diz ter usado a arte como uma forma de questionar a estrutura normativa das escolas de medicina norte-americanas, num momento impulsionado pela contracultura, movimento de mobilização e contestação política e social dos anos 60. Sua indagação gerou um sonho, que se concretizou através do

chamado Instituto Gesundheit, onde sua equipe promove saúde na direção da integralidade humana, usando ferramentas como a gentileza, a brincadeira, o encontro, o diálogo, o riso, rumo à alegria, além de ser algo totalmente gratuito (MATRACA, 2009).

No que se refere à formação, nos últimos anos tem sido desenvolvidas diferentes iniciativas formativas no Brasil.

Em 1998, foi criado na UNIRIO, um programa interdisciplinar de formação, onde foi proposta uma estrutura para a capacitação do palhaço de hospital, com intuito de promover a atuação de estudantes do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas da Escola de Teatro como enfermeiros-palhaços, no serviço pediátrico do Hospital Universitário Gaffrée & Guinle (ACHAR, p.1).

Além disso, há o Programa de Formação em Palhaços para Jovens, oferecida pelo grupo Doutores da Alegria, a partir de 2004, para jovens de 17 a 23 anos. A partir dessa formação, o sujeito aprende algumas técnicas para seu trabalho. Esses jovens que buscam a formação de palhaço e atuam na área da saúde mobilizam funcionários e a equipe médica e estimulam a criação de estratégias de humanização do atendimento hospitalar.

2.2 O RISO

De acordo com Platão, “o riso é um falso prazer que nos afasta da verdade”, já para o palhaço russo Karandash “O riso não é um objetivo, é um meio que leva a ideia até o entendimento” (<mundoclown.com.br/falouedisse/karandashpalhacorosso>Acesso em 28 de jan. 2016).

Levando essas concepções de riso para a saúde, vemos que o trabalho do palhaço de hospital é tentar ocultar, mesmo que por um momento, a realidade vivida pelo paciente, fazendo com que ele se esqueça da doença e foque na saúde. Podemos relacionar esse trabalho com a integralidade e a humanização, que é onde se une a técnica com a ética e com a oferta de cuidados dirigidos aos pacientes, porque vemos que os palhaços tentam olhar para o indivíduo como um todo, fazendo com que ele se sinta bem, completo, usando de outras técnicas para tratar da doença desse indivíduo.

Existem inúmeros casos de que o humor ajuda a vencer situações difíceis, reduz o estresse e fortalece a saúde, portanto, também o riso pode reduzir a tensão e superar dificuldades em casos de situações de sobrecarga graves. Como por exemplo, tem-se o caso dos britânicos onde “uma pesquisa que comprovou que o trabalho dos 'doutores da alegria', aqueles palhaços que alegam crianças em hospitais, pode ajudar mais do que no humor da criança. Na prática, os sorrisos ajudaram a melhorar o funcionamento dos pulmões dos pequenos pacientes” (PACHECO,

2013). Também quando se fala de doenças, inúmeros relatos comprovam que rir é o melhor remédio.

O riso leva também a alterações das funções cardiovasculares, aumentando a frequência cardíaca e a pressão arterial e depois baixa novamente, melhorando os sinais de estresse (SANTOS, 2008, p.36).

Para comprovar fisiologicamente que o riso faz bem para a saúde, Berk investigou as modulações neuroimunológicas durante e depois dos pacientes terem sido submetidos a programas associados ao riso. Experiências hilárias foram monitoradas para entender o que acontece no corpo, no coração, na musculatura e no cérebro de uma pessoa que ri. Logo, o riso e o bom humor têm efeitos benéficos para a saúde, e no final das contas uma coisa é certa: promove saúde com alegria (MATRACA, 2011, p. 6).

3 MOTIVAÇÃO E EMOÇÃO

Neste trabalho, procurou-se entender um pouco sobre os conceitos de motivação e emoção. A motivação envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais, é um impulso que faz com que as pessoas ajam para atingir seus objetivos, é algo que se manifesta na vida de um indivíduo, é um conjunto de motivos que o influencia (http://novouniversorh.blogspot.com.br/p/motivacao_18.html Acesso em 20 de fev. de 2016). A motivação no âmbito do trabalho é exatamente isso, o indivíduo precisa ter motivos para exercer sua função. E quando o indivíduo é motivado a fazer algo, ele dá o seu melhor fazendo o possível para conquistar o que almejam, passando até por cima de outras pessoas se necessário. (<http://www.significados.com.br/motivacao/> Acesso em 20 de fev. de 2016)

A motivação é um elemento essencial para o desenvolvimento do ser humano, sem ela fica muito mais difícil realizar as tarefas necessárias.

A emoção normalmente é acompanhada por um comportamento físico, está totalmente ligada ao conceito de motivação, pois ela nos motiva a agir, por exemplo, você só estudará para um concurso se for capaz de sentir orgulho de suas conquistas.

Ao aplicar esses conceitos ao trabalho dos palhaços vemos que para que ele possa improvisar agir e atuar, é preciso que ele sinta algo que o motive a isso. O profissional precisa passar alegria para a sua “plateia”, e para passar tal alegria ele precisa senti-la, e então através do que ele sente finalmente agir.

Assim como expressou Patch Adams, para ser palhaço, é necessário que demonstre alegria. “Para ser um bom Doutor Palhaço não basta criar momentos de alegria, você tem que ser a alegria. É a alegria que vem do coração, é a alegria em movimento” (narizvermelho.pt/Os-Doutores-Palhacos Acesso em 28 de jan. 2016).

O palhaço tem o papel de atuar e nessa atuação passar alegria independente de como esteja se sentindo naquele dia, se estiver triste ou alegre ele precisa passar alegria.

Quando sentimos que alguém está triste, doente, ou até mesmo desanimado, ficamos junto com ele, ou pelo menos nos sentimos responsáveis por ajudar, assim também é quando vemos alguém feliz, rindo, ou contando alguma piada, mesmo que sem querer acabamos rindo junto com ele ou ao menos esquecendo um pouco dos problemas que nos afligem e damos atenção ao que o outro está fazendo, ao porquê dessa alegria. Com o palhaço não é diferente, se ele demonstrar alegria vamos sentir alegria e se ele demonstrar tristeza, vamos sentir tristeza, por isso ele

precisa passar a alegria e se desligar do mundo e dos problemas no momento em que estiver cumprindo o seu papel, ele precisa ser a alegria.

O trabalho do palhaço no hospital está ligado a vários conceitos e políticas, como por exemplo, o conceito de humanização. Para o Ministério da Saúde “(...) humanizar em saúde é resgatar o respeito à vida humana, levando-se em conta as circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano [...] é resgatar a importância dos aspectos emocionais, indissociáveis dos aspectos físicos na intervenção em saúde” (BRASIL, 2001, p.33).

Além da descontração dos pacientes e acompanhantes, um bom trabalho na área de humanização precisa dar suporte para um avanço no exercício do trabalho do profissional de saúde, estimulando-o a facilitar sua relação com o paciente. A essência da humanização hospitalar é fazer com que o paciente sinta-se em um ambiente mais confortável e receptivo ao tratamento.

Quando dizemos que estamos promovendo a saúde podemos também dizer que estamos promovendo qualidade de vida, pois esses dois temas são totalmente interligados, porque a saúde é fundamental para melhorar a qualidade de vida e sem esta o indivíduo ou a comunidade não têm saúde. De acordo com Buss (2000, p.1), a influência da saúde nas condições e qualidade de vida, têm ocupado políticos e pensadores ao longo da história. Há algum tempo tem sido questionado o papel da medicina, da saúde pública e, no sentido mais geral do setor saúde, o que seriam as causas mais amplas e gerais dos problemas enfrentados na saúde, aquelas que fugiriam ao objeto propriamente médico da questão saúde.

Na carta de Ottawa – um marco na construção do conceito de promoção da saúde – vemos a saúde como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver. Para melhorar a condição de saúde de uma população e para promover a saúde é necessário que haja uma atenção integral. É preciso ter uma articulação de ações e serviços de saúde, preventivos e curativos, individuais e coletivos, em cada caso, nos níveis de complexidade de cada indivíduo, praticando o ato de ouvir e de dar atenção e não somente se preocupar com o bem-estar físico, onde o indivíduo será tratado como um todo, não se resumindo ao processo médico-curativo ou a aparelhos médicos (MACHADO e col. 2006).

Pode-se dizer que promover a saúde por meio riso é importante para que se possa manter uma relação com a população, pois além de ser uma quebra de expectativa, estimula a capacidade de reflexão. Com isso defendemos o fato de que a saúde não é somente a ausência de doença, ampliando o olhar com relação às condições de vida da população, indo além da prestação de

serviços clínico-assistenciais.

Ao longo dos anos o palhaço de hospital passou a agir para tirar o paciente do seu estado de paciente e com isso se abriram portas para um universo de possibilidades de troca, de riso e de jogo. A arte veio para transformar espaços e pessoas. Além disso, o palhaço é uma figura muito importante no hospital e em outras unidades de saúde, pois além de proporcionar a melhor estadia do paciente e até mesmo de seus familiares, proporciona a interação entre médico e paciente e entre os próprios profissionais, tornando o trabalho humanizado e intersectorializado (fasc.com.br/operacao_de_riso/?Dados=opalhaco>Acesso em 28 de jan. 2016).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a análise dos resultados encontrados, organizamos em algumas categorias para facilitar a compreensão, que foram as seguintes: Formação; Trabalho; Motivação; Emoção; Palhaço de Hospital e Riso.

A formação no âmbito da palhaçaria é bastante incipiente, mas existem alguns programas de formação desenvolvidos por alguns grupos, como o Doutores da Alegria e Enfermaria do Riso. No grupo de entrevistados, um elemento comum é que todos são formados em artes cênicas e fizeram algum curso, ou participaram de um desses programas para que pudessem trabalhar com essa arte nos dias hoje.

Eu sou ator formado, faz uns vinte anos, e eu sempre fui apaixonado pelo palhaço, pela linguagem do palhaço, e no final da minha formação eu estudei na CAL ali em Laranjeiras [...].

(Entrevista 1)

[...] teve uma hora que eu decidi me formar e lá no Uruguai tem uma escola de artes dramáticas, lá não tem faculdade de teatro, mas tem conservatório né, que agora é assimilado à universidade, mesmo não tendo esse formato universitário, e aí são quatro anos de formação [...]

(Entrevista 2)

Aí eu estava na UNIRIO e a professora Ana Achcar que é a coordenadora da Enfermaria do Riso, ela anunciou junto com o professor Luciano Maia que eles iam começar essa turma de aula de palhaço, eu não lembro como chamava, não sei se já chamava Enfermaria do Riso. Então ia abrir essa oficina optativa, essa aula optativa, tô esquecendo os nomes que a gente usa na faculdade. Disciplina! Disciplina optativa. E aí eles ofereceram o curso com a Lorena, uma aula de palhaço, e eu nunca tinha feito curso de palhaço. E aí a partir desse curso era uma oportunidade delas conhecerem os atores que estavam interessados em fazer parte da Enfermaria do Riso, e eu tava nessa turma e gostei muito, e aí eles chamaram alguns alunos pra fazer parte dessa primeira turma e eu tava entre esses seis e foi assim que eu comecei.

(Entrevista 3)

Esses resultados indicaram que a formação pode ser uma base muito importante para o ator palhaço, e não só essa formação inicial, como também o treinamento que é feito no próprio grupo ao longo do desenvolvimento do trabalho, que é o momento em que eles podem planejar o que fazer e como agir em determinada situação, como por exemplo quando encontram alguém que tem medo do palhaço ou algo relacionado.

[...] você tem que entender e respeitar esses limites, realmente, e não é só crianças, às vezes mãe têm, já vi mães e inclusive médicos, médicos formados que tem pânico de palhaço, e é verdade, mesmo, tem de ficar tenso e tremer, e você tem que respeitar, entendeu assim, às vezes quando você vê que a criança tá muito, às vezes você tá num quarto que até tem mais, aí a gente fala assim "não pode ficar aí que a gente vai embora, tchau", e muitas dessas, porque a gente volta, a gente conversa, ela vai entendendo que a gente não é uma ameaça e ela reverte isso, mas você tem que respeitar. Aí é que tá o treinamento entendeu? Se você é uma pessoa despreparada, aí você tá ali "ah eu vou entrar de palhaço e não sei o que", aí a criança começa a chorar aí você "ah, mas por que tá chorando?", às vezes muita mãe faz isso, fala "ah não, chega para lá e tal", mas você tem que respeitar.

(Entrevista 1)

O treinamento foi visto pelos entrevistados como uma oportunidade de reflexão e o momento onde eles podem ver até onde tentar e onde recuar, sempre respeitando a vontade do paciente, e até mesmo se preparar para receber essa energia tão pesada que existe dentro da unidade hospitalar.

Mas isso são coisas que a gente trabalha no treinamento, e aí a gente lembra né, são outras ferramentas que eu tô usando, não é a carta na manga.
(Entrevista 3)

Além disso, há a diferença da formação do ator para a formação do palhaço. Nas entrevistas foi citado o fato de no teatro se trabalhar com a quarta parede, que é uma parede imaginária que permite que a plateia assista à encenação, mas sem ter interação com o ator. Já o palhaço de hospital é a figura que interage e tem um contato direto com o paciente, ou seja, são recursos e formas de trabalho diferentes. E isso para um dos palhaços entrevistados era estranho, pois tinham que atuar, mas não podiam olhar ou ter contato com a plateia que assistia.

No teatro fala que você trabalha com quarta parede, que a ideia é que o acontece no palco, tem uma parede que esconde a plateia né, então você tá aqui com o seu colega ator, o espectador tá te olhando mas você nunca olha pra ele. E pra mim era estranho, assim, fazer sei lá, tragédia grega e essas peças de origem espanhola, um monte de coisa que a gente faz lá que faz parte, Tennessee Williams, e essas coisas assim clássicas do teatro.
(Entrevista 2)

Com relação ao trabalho pedimos para que os entrevistados abordassem um pouco sobre a forma como trabalham e como o grupo é estruturado.

Porque a gente recebe por isso não é um trabalho voluntário né, que é uma coisa que é muito diferente, às vezes a gente fala para as pessoas e elas ficam "como assim?", e esse trabalho não é voluntário que a gente faz, é um grupo de profissionais como era os Doutores da Alegria no caso agora é com o Roda Gigante que é esse projeto que a gente tá durante esses anos. É, a gente trabalha pela lei de incentivo e as empresas patrocinam isso, é a maneira que a gente acha de manter um trabalho com qualidade, a gente trabalha duas vezes no hospital toda semana o ano inteiro, só para nas férias que é em julho, uma semana ou duas, e em janeiro também umas três semanas normal, e é um dia de treinamento por semana, era assim que a gente fazia pra manter esse trabalho vivo, porque é uma dupla em cada hospital, não sei se vocês sabem a nossa rotina, é uma dupla ou trio em cada hospital por ano, e no ano seguinte a gente reveza, reveza a dupla, reveza o hospital, pra manter a coisa mais viva assim né.
(Entrevista 1)

Cada palhaço tem seu jeito de exercer seu trabalho, cada trabalhador possui sua subjetividade, logo o que um faz para chamar a atenção de uma criança provavelmente não vai ser o que o outro irá fazer. Além disso, percebemos que palhaço de hospital vem para quebrar as expectativas.

Mas tem dia que é meio solitário, você trabalha sempre com a mesma pessoa, você troca muito com ela, cada pessoa é um mundo diferente, cada palhaço que você joga é um jeito diferente de jogar, e as crianças do hospital também. O hospital é um lugar muito carente, então assim se você chegar vestido de coelho da páscoa todo mundo vai amar, você tá levando amor, eles de cara já gostam de você então é mole, se você quiser descansar fica fácil, ninguém vai criticar seu trabalho, praticamente ninguém né?

(Entrevista 1)

O grupo Roda Gigante trabalha com crianças, inclusive em um hospital pediátrico que é o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, mas os outros hospitais possuem as alas adultas e uma vez no ano eles desenvolvem um trabalho com eles, que é um cortejo, onde eles passam por todos os caminhos do hospital cantando músicas e marchinhas antigas.

Olha, tem um hospital que a gente trabalha, que é específico de criança, que é pediátrico, que é o IPPMG no fundão, os outros, todos tem as alas pediátricas mas tem também as alas adultas, então a gente passa às vezes pelas alas dos adultos porque tá no outro prédio e de vez em quando a gente também desenvolve algum trabalho com eles, tem um cortejo que a gente faz de vez em quando e a gente passa por todos os caminhos. Tem gente que pergunta, "mas por que só as crianças? E os adultos e as pessoas idosas?", a gente viu muito isso, e aí às vezes a gente faz um carnaval, um bloco, e aí passa pelo hospital inteiro, e nesse bloco a gente viu muito, que os idosos então, quando a gente canta marchinha antiga, sambam, e é muito emocionante de ver, mas assim sempre quando eles perguntam isso a gente só responde que não tem perna pra isso, não tem como assim, as crianças já são uma demanda imensa sabe?

(Entrevista 1)

Quando perguntamos o porquê de não trabalharem com os adultos, a resposta foi porque as crianças já são uma demanda muito grande, e esse grupo trabalha de leito a leito, uma pessoa de cada vez, uma necessidade de cada vez.

É, não é nem por facilidade porque cada um tem uma facilidade diferente, a criança brinca e tudo mas o adulto já pega por outros lados, é um outro tipo de trabalho, mas só que a demanda com as crianças já é tão grande, tem tantos quartos, porque a gente vai de quarto em quarto, criança por criança, se fosse ampliar isso para os adultos, teria que ficar a semana inteira, todos os dias da semana, e aí a gente não consegue, então a gente tem que focar em um lugar pra trabalhar nele bem e aí a gente focou na criança[...].

(Entrevista 1)

Outro ponto muito importante abordado por eles foi a necessidade de haver outra pessoa trabalhando junto, a importância de ter uma dupla e não ser um solo, porque um ajuda o outro, um joga com o outro e isso facilita o trabalho e deixa tudo mais leve. Principalmente na hora que certa situação abala a um integrante e aí o outro está ali para “segurar as pontas”, ou quando se tem um problema em casa e já está abalado por isso, mas mesmo assim tem de estar ali e seguir com o trabalho. E nesse trabalho é muito importante ter a técnica para saber dividir as coisas e tentar ao menos minimizar o incômodo de algo ocorrido e não levar isso para o trabalho.

Teve uma vez dessa que eu lembro, me lembro bem, eu tava no Fundão e foi isso, passei uma noite difícil, eu tava com a minha mulher na época, e discussão e tal, e eu fui triste pro hospital, triste por causa disso e fiz meu trabalho e tal, eu não sei quem foi, acho que foi uma enfermeira que achou que eu tava meio mal aí falou assim "poxa, você tá triste", aí eu falei "eu tô mesmo", assim, tem uma hora que não dá pra você esconder entendeu? Vou dizer que o trabalho aconteceu, podia ter sido melhor, às vezes pode ser até um dia desses que você faz uma coisa que você não espera, mas assim, afeta, afeta sempre, você vai tentar minimizar esse afeto porque às vezes pode cortar a potência do seu trabalho. Então se for fazer isso tem que tentar minimizar assim, e talvez não vai ser um dia como um outro que esteja super ali.
(Entrevista 1)

Nesse grupo de entrevistados pode-se apreender que o trabalho não é identificado apenas à questão financeira, ou seja, o trabalho vai além da manutenção da vida e aquisição de dinheiro. O trabalho passa pela entrega, afeto, vocação e dedicação profissional.

Acho que todo mundo e cada um que faça o seu trabalho com muita entrega e dignidade e amor, amor é o que faz, amor por você mesmo, porque você escolheu aquela profissão, então a cada dia e a cada momento seria bom que a gente tivesse né, acho que esse é um grande sinal de saúde, quando você tá feliz de estar aqui agora, nesse momento.
(Entrevista 3)

A expectativa antes de visitar o leito é algo que um dos entrevistados não possui, de acordo com ele é necessário entrar “vazio”, porque você nunca sabe o que esperar de cada pessoa.

Então eu sinto que eu amadureci no trabalho porque eu consigo hoje muito mais entrar no quarto e "vamos ver o que vai dar", sem frustração e sem expectativa, tentando né?
(Entrevista 3)

Através da atuação do grupo Roda Gigante, alguns entrevistados acreditam que o seu trabalho pode mudar o quadro de um paciente.

É porque foi uma história que, ele era um paciente muito especial assim, e a relação com ele era muito especial e eu acho que ele foi um dos pacientes que mudou muito por causa da nossa atuação, eu acho, a gente não tem como provar.
(Entrevista 3)

A partir das entrevistas realizadas, o riso foi um dos temas abordados, onde vemos que o riso vem de um contexto histórico, social e cultural. O riso é uma forma de aceitação da fraqueza, e a partir dessa aceitação, essa fraqueza pode ser transformada em uma fortaleza, como foi expresso em uma das entrevistas:

Porque existem vários tipos de riso e eu acho que qualquer riso é importante, porque ele é uma válvula de escape de alguma coisa, ele revela alguma coisa sobre você, sobre o outro. Tem uns estudos sobre o riso, que também diz que o riso faz parte de um contexto social né, tem uma piada aqui que talvez não vá funcionar na Rússia, porque a Rússia é diferente, então o riso é cultural também. Mas eu acho que ele é importante, o palhaço, nesse lugar do rir de você mesmo, aceitar os erros, a fraqueza, a fraqueza pode ser uma fortaleza né?
(Entrevista 3)

Para os entrevistados, o riso é um fator muito importante, mas embora seja um dos resultados encontrados nesse trabalho, não é visto como último efeito porque não é isso que eles querem, não é esse o objetivo final, mas sim o encontro de fato.

[...] o sucesso não quer dizer o aplauso, o riso, e como isso tudo a gente acredita de verdade, eu acredito realmente nisso, que a criança não precisa rir de mim para aquele encontro ser potente, ser válido e assim acontecer de fato [...]
(Entrevista 3)

O humor é visto como algo que ajuda a enfrentar e até mesmo vencer situações difíceis, é uma forma de focar na saúde ao invés da doença, mas não significa que seja uma distração e sim uma outra forma de se encarar aquela dificuldade que está posta.

Não é uma distração, mas é um jeito de encarar aquilo com humor, mesmo que seja um humor de certa maneira negro.
(Entrevista 1)

Rir é diferente de qualquer outra sensação, e só rimos quando nos identificamos com algo ou quando vemos a falha do outro, mas para que haja o riso nesse trabalho é necessário que haja uma relação.

[...] fazer rir é muito diferente de você fazer chorar ou o que for, sei lá, acho que fazer rir não é nada fácil assim e você só ri quando tem cumplicidade, você só ri quando você vê que a pessoa que tá na frente fala de alguma coisa que tem a ver com você, então assim, acho que é muito importante isso.
(Entrevista 2)

A partir das entrevistas pudemos observar que há uma diferença marcante, que é a que existe entre o palhaço comum e o palhaço de hospital. Embora os dois sejam palhaços, possuem as diferenças entre si e entre seu público, além de estarem atuando com propósitos diferentes. Os entrevistados, antes de se tornarem palhaços de hospital, tiveram alguma experiência de atuação diferente e puderam notar essa diferença.

Da maneira que você entende que é levar essa experiência desse encontro do palhaço com a criança, do palhaço de verdade e da criança de verdade, ninguém tá falando de Patati e Patatá, uma coisa assim que é só chegar lá e vou entregar um, que tem muita gente que faz isso né, até entrega um doce aí não sabe se a criança é diabética, cara você tá no hospital, você tem que lavar sua mão antes de encontrar as pessoas, tem uma porrada de coisas que você tem que fazer.
(Entrevista 1)

[...] eu fui assistir um espetáculo que eu acho que foi o espetáculo que me encantou mais assim, o primeiro espetáculo que eu vi de palhaço, sendo que não era o palhaço que eu já conhecia, não era um palhaço de circo que eu conhecia pela televisão mais ou menos, ou tinha ido no circo pra ver, e era diferente de tudo o que eu já tinha visto, só que era palhaço. Primeiro que era sem nariz.
(Entrevista 3)

Existe também a diferença entre o palhaço de hospital e o médico, vimos que o palhaço é em quem as crianças sentem que podem falar sobre qualquer coisa e é a figura que vai levar a

alegria para elas, e ao mesmo tempo é aquela pessoa que ela pode rejeitar e pode não querer a visita. Já o médico é aquele que vai tirar o sangue, que vai dar remédio e várias outras coisas e a criança precisa aceitar.

Tem e isso faz parte, que a criança não queira receber você, e o palhaço é a única visita que ele pode não receber né, porque se vão procurar veia ele tem que aceitar, se for nutricionista ele tem que aceitar, o fisioterapeuta ele tem que aceitar, o médico ele tem que aceitar, a medicação ele tem que aceitar, e o palhaço ele pode não aceitar, e então às vezes a gente leva numa boa assim.

(Entrevista 2)

[...]. Esse ano a gente não tá usando o jaleco, porque normalmente a gente usa um jaleco e a gente tá até pensando se vai manter ou não. Quando você tá de jaleco, mesmo que esteja de palhaço, principalmente com os bebês, gera um medo. Por causa desses procedimentos médicos, quem chega de jaleco branco vai fazer alguma coisa. Então tem isso também, é fogo.

(Entrevista 1)

O ser humano se afeta mesmo que sem querer com as coisas que acontecem no dia a dia, e com o palhaço de hospital não é diferente, mas de certa forma ao longo das entrevistas, percebemos que estar de palhaço é quase uma proteção para aquele trabalhador, que estar caracterizado faz com que essa afetação se torne menor.

Quando eu vou de pessoa [...], que eu vou acompanhar ou pegar assinatura, inserção de imagem, o que for, quando tem algum registro, pra mim é mais duro assim de ver, por que você tá de pessoa, agora quando você tá de palhaço de alguma forma você tá protegido [...], porque o mesmo olho que tá de nariz, tá sem nariz, então o que você vê, o que você escuta, o que você recebe às vezes é muito forte e eu acho que é importante você se afetar quando alguma coisa acontece. A gente vai lá pra jogar, a criança propõe uma coisa, você propõe outra, o teu parceiro, e a gente vai construindo um improviso junto com a criança, um jogo, uma brincadeira, onde eu não sou eu, mas sou eu. Então pra mim a gente tá protegido pela linguagem, a gente tá protegido pela máscara do palhaço, mas é claro que tem horas que isso te afeta.

(Entrevista 2)

E o palhaço de hospital não pode se deixar vencer por essa afetação, porque o hospital é um lugar onde a demanda é muito grande, como já dito por um entrevistado, então a todo momento alguém pode estar precisando de uma certa atenção, por mais difícil que seja a situação.

[...], mas ao mesmo tempo, no mesmo segundo, a gente viu e foi falar com as enfermeiras perguntar por que ele foi embora, e aí falaram "ah ele faleceu" e tal, e aí de repente a gente virou e tinha uma menina chorando, horrível, porque a mãe tinha saído e ela tava se internando nesse dia, e era uma menina pequena, e aí já fomos pra lá, e assim, talvez em uma outra situação teria que falar assim "ah gente, tchau, eu vou chorar, preciso de um momento pra mim". Mas às vezes é assim né, a demanda foi essa menina que estava sem os pais e tava chorando, tava com muito medo, ela devia ter uns dois ou três anos, e ia ficar num lugar completamente estranho, com gente estranha.

(Entrevista 2)

Podemos notar que os entrevistados possuíam uma ligação muito forte com a criança, e não só com ela, mas com a família também. E a partir dessa ligação a relação vai sendo construída da melhor forma possível, fazendo com que os palhaços percebam ao longo do tempo, o que chama mais a atenção de cada criança especificamente.

É às vezes a gente faz isso quando conhecemos a pessoa, que aí você pode desenvolver essas histórias sabe, aí você sabe "ah essa criança gosta disso"
(Entrevista 1)

E ele tinha uma ligação muito forte com a gente, ele era muito propositivo, jogava muito com a gente, sabia os nomes de todo mundo, ficava assistindo muito televisão, ouvia programa de rádio, então era muito divertido jogar com ele [...]. E com a mãe a gente tinha uma relação, ela era muito mal-humorada assim, e com a gente ela falava "Não sei porque ele gosta de vocês, eu não entendo ainda", mas era uma brincadeira assim sabe? Com a gente ela era mais mal-humorada ainda, e agente amava ela, falava "Ai, o que seria de nós sem você", e era muito assim.
(Entrevista 2)

E sobre essa relação entre a criança e o palhaço de hospital, é diferente das outras relações estabelecidas nesse ambiente, diferente da relação com o médico, com enfermeiro, ou com qualquer outra pessoa.

Então as crianças no geral não se relacionam da mesma forma com a gente do que com um profissional de saúde, com a família dele, ele se permite muitas coisas porque a gente se permite muitas coisas.
(Entrevista 2)

O palhaço de hospital precisa ter algumas técnicas na hora de exercer seu trabalho, e a mais citada pelos entrevistados foi a questão do respeito. Quando uma criança rejeita ou tem até medo do palhaço é necessário que haja esse respeito pela vontade da criança ou do familiar, como já dito acima, o palhaço é a única visita que a criança pode não receber, então quando há essa rejeição ou a irritação da criança, de acordo com os entrevistados, é algo bom também. E a partir dessa rejeição o palhaço pode utilizar outros recursos para se aproximar da criança, como a música.

Assim que seja difícil de trabalhar, irritada, não irritada com você, mas ela vai jogar a irritação em você, e você tem que entender isso, às vezes a irritação é a melhor coisa que ela pode te oferecer, porque o palhaço tá aí pra isso, ela fala "ah esse que é o cara, então vou dar no palhaço", e às vezes a gente tá ali pra isso.
(Entrevista 1)

Então às vezes com o palhaço a gente sente que é muito bom quando a criança não quer a gente ou briga com a gente sabe, porque é uma forma de extravasar de deixar acontecer.
(Entrevista 2)

Isso, às vezes ele não quer aquele momento e aí você chega dois dias depois lá e a enfermeira diz assim "o que vocês fizeram com ele que ele não para de falar de vocês?". E às vezes é o mesmo cara que não queria que você tivesse ali naquela hora. Acho que é até porque a gente respeitou isso e alguma coisa bateu nele e talvez foi mais forte do que se a gente tivesse entrado sabe.
(Entrevista 1)

[...] e tento respeitar né, criança tem medo, criança tem medo e ponto. A gente vai estar no leito do lado, se ela se interessar de longe já é alguma coisa. Ou a gente sente que às vezes é uma defesa simplesmente, porque o ambiente é muito hostil, então a gente vai tentando de outras maneiras, a gente pode abrir a brecha da porta e tocar uma música, botar a caixinha de música no vidro pra ela ouvir de dentro, soltar um bolha, sabe? Tem outros recursos de não ser tão direta na intervenção.
(Entrevista 3)

A música pode ser uma aliada muito forte nesses casos, e o grupo Roda Gigante trabalha com esse lado da arte também.

Direto, mesmo quando eu não levo instrumento, normalmente eu levo. Lá no hospital eu optei por levar um cavaquinho que é portátil, é pequeno, mas às vezes a gente leva pandeiro, a gente leva violão, já levei viola, já levei a flauta transversa, depende muito. [...] aí num momento como esse você pode usar, a música é uma aliada fortíssima.

(Entrevista 1)

Uma frase muito usada pelos entrevistados sobre o ser palhaço foi “seja você mesmo”. O palhaço de hospital é ele mesmo só que de uma forma exagerada, como dito ao longo do trabalho, é um momento para rir das suas próprias fraquezas, não apontar as fraquezas dos outros, mas sim a sua. É usar a sinceridade para estabelecer uma relação sem se importar com o que o outro vai achar.

O palhaço é um convite a você rir de você mesmo.

(Entrevista 3)

[...] porque eu pessoalmente, o meu palhaço não tem jeito de andar ou uma forma de falar, sou eu mesma exagerada, "seja você mesmo, livre e exagerado", isso quem falou foi um palhaço argentino muito bom, Chacovat. E eu acredito que seja isso mesmo, seja você mesmo, livre sabe, e exagerado.

(Entrevista 2)

Ao mesmo tempo o palhaço é você no máximo, você tem que ser você, com todas as suas tramas, todas as suas falhas, onde você erra, porque o palhaço é o cara que perde, é aquele que tropeça, cai e bate com nariz ali e a criança vê isso, então nesse ponto, por isso que eu acho que tem essa identificação que é tão bacana do palhaço e a criança que tá nesse lugar que é horrroso, que ela tá frágil, que ela tá perdendo também. Então quando ela vê o palhaço, ela vê assim, esse cara é o cara que eu vou poder zoar.

(Entrevista 1)

Ou tipo, outro dia tinha uma coisa boba assim, e pra mim o palhaço trabalha muito no lugar da sinceridade, porque eu tô dizendo honestamente o que eu sinto e aí eu posso ouvir honestamente o que você sente e aí eu não tenho nada a perder teoricamente assim, teoricamente não, na prática eu sinto isso mesmo [...], a gente tem uma polidez assim, os bons modos, o bom exemplo, e o palhaço não é exemplo de nada e pra ninguém entendeu? Nesse sentido a gente não é exemplo, mas a gente é exemplo porque a gente se comporta de uma maneira honesta e sincera, e franca, e direta, e fala besteira.

(Entrevista 3)

A criança é muito espontânea, e essa espontaneidade pode estabelecer uma certa relação entre o palhaço de hospital e a criança, e de acordo com os entrevistados, quanto mais livre a criança se sentir, melhor.

[...] nós temos uma colega que é gorda, e aí tem sempre uma criança que vem e fala "ah baleia" e aí ela brinca que fica ofendida. Eu uso uma peruca muito descabelada, e aí volta e meia vem uma criança e fala "olha o seu cabelo é horrível", porque eles têm essa liberdade, e o palhaço permite, eles sabem que se falarem pra mim que eu sou feia, do meu cabelo e não sei o que, eu vou levar na brincadeira porque faz parte, eu vou me ofender muito, eu vou chorar muito sabe? Então faz parte disso.

(Entrevista 2)

E essa espontaneidade também, permite que às vezes uma criança que você acabou de conhecer, brinque com você como se fosse íntimo, porque pra criança realmente eles não tem muita noção do passado, do futuro. Do futuro então não tem a menor noção né, dependendo da idade. Então o aqui e agora é muito importante e pro palhaço também, então é um encontro muito rico que acontece sabe? E é muito, muito alimento, porque uma criança é irreverente por natureza assim, ela vai te falar esse tipo de coisa, e é um patamar de jogo muito grande assim.

(Entrevista 2)

Além disso tudo, o palhaço de hospital é aquela figura que vem para quebrar as expectativas, em um ambiente frio, hostil e carente, ele é aquele que rompe com o esperado. O palhaço não obedece a regras, não segue um padrão, cada palhaço possui sua subjetividade, o seu jeito diferente e a sua graça.

Porque o palhaço ele é um ser irreverente né, ele não obedece muita regra assim, ele é feito pra isso, faz parte assim, o palhaço é um arquétipo que vem se repetindo ao longo da história assim no mundo né, então tem palhaço desde que tem mundo, e sempre tem que ter essa figura. Tem a ordem e tem a desordem, tem a regra e tem a contrarregra.

(Entrevista 2)

O palhaço de hospital tem certa ligação com todos, e ao longo das entrevistas realizadas foi possível perceber que a sua atuação que a sua atuação não melhora somente a relação com a criança, mas a relação entre os próprios profissionais, médicos, enfermeiros, faxineiros.

E o palhaço é essa figura que foge, que precisa fugir, e dentro do hospital ele se relaciona muito diretamente com todo mundo, ele não fala de algum jeito especial porque é o médico, fala do mesmo jeito que fala com a faxineira, que fala com a mãe da criança, que fala com todo mundo, ele se relaciona geralmente, da mesma forma com todo mundo e faz parte. Então isso às vezes quebra uma certa rotina que acontece [...]. Pro palhaço é uma relação assim, todos são seres humanos, eu sinceramente quando comecei a trabalhar no hospital, não conhecia assim, quem era médico, quem era enfermeiro, tava todo mundo de branco, ué se você tá de branco eu sei lá, alguma coisa dessa você deve ser, eu não sei, você não fala comigo sabe? E aí a gente oxigena umas minhocas na terra que vão arejando aquilo tudo né.

(Entrevista 2)

Ele não tem hierarquia com ninguém ali, ele não é maior e nem menor que ninguém ali. A gente se dá a liberdade de fazer comentários e brincadeiras que eles ficam assim "Não acredito que você falou isso com ele, o chefe!".

(Entrevista 3)

Foi destacado que o palhaço de hospital não tem a finalidade de distrair, ele faz o que podemos chamar de intervenção, ele quer ser notado, e vem para quebrar a rotina do hospital, fazendo com que o dia fique de uma forma diferente. É a figura que vem para mudar, mas ao mesmo tempo mostrar que aquela realidade pode ser diferente.

[...] a gente não distrai, às vezes vão dar uma injeção e aí chamam o palhaço e a gente fica lá fazendo algumas coisas e tal. Mas às vezes a gente por estar brincando com isso, às vezes brincar com essa história de injeção, então ele fique mais tranquilo na hora dele próprio receber a medicação, é diferente né?

(Entrevista 2)

É, perceber que tem uma presença diferente, quais são as nossas intenções né, que não é nada do que ela imagina, porque a gente nunca teve ali, então não é nada que tá previsível ali né.

(Entrevista 3)

Mas a gente tem que entrar nesse assunto também, isso tudo é uma realidade, você ser furado é uma realidade. Às vezes a gente brinca com a enfermeira, "Mas você fez isso?", mas é pra afirmar que realmente aconteceu, e que bom que você é corajoso sabe? Então acho que isso tudo ajuda a amaciar isso que é duro pra caramba que é esse cotidiano do hospital sabe? Você dá uma amaciada.

(Entrevista 1)

Algo muito interessante nas entrevistas foi perceber que os entrevistados preferem criar uma relação com a criança ao invés de já levar algo pronto, a relação vai sendo construída pouco a pouco, sem expectativas.

O que eu acho mais interessante, mas é um pouco mais difícil, é ter um pouco desse vazio, o que será que, ou ela propõe ou vai surgir uma coisa que a gente vai propor meio junto. Então eu não sei se eu espero muita coisa da criança, mas eu espero que a gente consiga, nós, as crianças e os pai, ficar abertos a esse encontro e ficar observando muito, tudo o que tiver acontecendo, é por aí. O que você sempre espera é que a coisa funcione e que essa comunicação role entendeu? Porque é difícil, mas tudo bem.

(Entrevista 1)

Ainda mais o nosso lugar, que o nosso exercício é estar aberto pra relação e pro encontro o tempo inteiro e esse exercício não tem fim nunca, porque cada dia eu tô de um jeito.

(Entrevista 3)

O palhaço parece que te dá canais assim, de você ficar "o que eu tenho que fazer?", e como você pode ser um ator que vai se modificando de acordo com o olhar do espectador, vai te modelando porque você vai percebendo "ela tá ficando entediada, eu acho que é alguma coisa", e você vai percebendo, o que eu posso mudar, o que eu posso ir mudando, o que eu posso ir fazendo, onde eu posso tirar o tapete sabe?

(Entrevista 2)

A relação é algo fundamental, e para que o trabalho do palhaço de hospital aconteça ela precisa existir. Mesmo que seja em um local frio, um local de rotina e exatidão, o palhaço vem para quebrar com esse padrão estabelecido. O palhaço de hospital não aceita os padrões, não aceita o não.

Sempre vai ter um caminho, pro palhaço sempre tem caminho, pro palhaço não tem não, tem um "ah vamos ver" sabe? Isso é uma coisa que a gente usa muito quando a gente entra no quarto e a criança fala "não, não quero", e é uma forma de construir, a gente sempre vai aceitar o não, quando a criança realmente não quer a gente não vai, mas sabe assim, "então tá eu não vou mas eu dedo pode ir?", vai começar a relação aqui com o dedo, "ah tem o outro dedo q quer entrar, pode entrar?", e quando você vê a criança já te permitiu e daí o palhaço ganha o dia sabe, então pra mim tem muito haver com isso, do sair dos padrões e encontrar possibilidades onde parece que não tem né.

(Entrevista 2)

Então o palhaço é um grande sim, é um grande pode ser diferente sabe? E eu acredito muito nisso, e eu acredito que o nosso trabalho que se constrói muito aqui na relação, no olhar, na escuta, e estar disponível pra você, receber o que você tem pra me dar, ver o que acontece quando eu proponho, trabalhar juntos a partir de uma coisa aqui.

Eu acho que isso revela, relembra dentro do hospital que isso pode ser de outra forma sabe?

(Entrevista 2)

A gente permite realmente uma troca humana né, onde eu escuto, onde eu me relaciono, onde eu proponho e escuto o que vem né, é uma construção mais humana. Então eu acredito que nosso trabalho às vezes relembra que as coisas podem ser diferentes, relembra o que a gente é enquanto ser humano né, então nesse ponto eu acredito que a gente é uma arma muito poderosa.

(Entrevista 2)

Existem vários tipos de palhaços, os mal-humorados, carecas, gordos, altos. Mas não importa qual é o jeito do palhaço de hospital, o que importa é realmente a relação que vai ser estabelecida através disso, e como já dito, o palhaço age através da sinceridade, então de acordo com os entrevistados, todo palhaço possui uma característica pessoal.

É tipo "[...], como é que você quer ser palhaço bufando assim?", só se isso for o que você acredita que pode ser a linguagem como palhaço. Existem palhaços extremamente mal-humorados, extremamente, e assim, são engraçados porque eles são assim, eles não podem negar essa essência. A minha essência é diferente, é descobrir.

(Entrevista 3)

E o palhaço de hospital, mesmo que esse papel seja uma ficção, ele está se inserindo na vida real da pessoa, no presente. E, de acordo com os entrevistados, é justamente isso que eles querem passar para a criança, mostrando que é uma ficção, mas que existe alguém ali que vai ouvi-la.

Na verdade, eu acho que o mais incrível da linguagem do palhaço do jeito que a gente utiliza, é que é uma ficção, quando eu tô de palhaço eu tô criando uma ficção, você sabe que é uma criação de alguma forma, mas a gente se insere na vida real da pessoa né. Tipo, pra mim é o meu trabalho e eu tô de palhaço e eu tô criando, tô jogando, mas quando eu entro no quarto da criança é a vida real dessa criança, e eu acho que a gente tem que ter um nível de detalhe na nossa criação, no nosso nível de jogar, onde a criança se sinta à vontade sabendo que é mentira, que é uma ficção, que eu tô de palhaço, que não é uma pessoa vamos dizer, e ao mesmo tempo sentir que tem uma pessoa ali e que ela pode confiar, que ela pode se jogar, que ela pode construir alguma coisa né.

(Entrevista 2)

Com relação à emoção, procuramos saber o que cada profissional sentia com a sua profissão e como ele recebia essa energia que é passada por cada paciente, e as respostas foram mais uma vez parecidas. Ambos abordaram o fato de se sentirem completos com esse trabalho, e sentir que traz algo a mais para vida deles.

[...] eu já sabia que era difícil, mas fui vendo com é realmente e também fui vendo como isso me trazia coisas muito positivas não só como pessoa, mas também no meu trabalho de ator, tudo.

(Entrevista 1)

Ao longo da entrevista fomos percebendo o quanto esse trabalho mexe de certa forma com cada um dos entrevistados, e que quando a história de um paciente é parecida com algo já vivido é

muito duro e muito difícil fazer o trabalho sem se afetar e levar para a vida pessoal. Mas ao mesmo tempo essa afetação pode fortalecer o trabalho, por saber o que o outro está passando.

Afeta mais, porque você tem uma outra relação com aquela situação, você é mãe, então quando você vê uma mãe muito angustiada te afeta, mas essa afetação é muito boa, porque o palhaço pode levar essa afetação pro trabalho, sem nunca esquecer que tá jogando, que é o palhaço, mas eu não olho pras mães da mesma forma que antes, e isso me dá muita liberdade também pro jogo, eu sei o que ela tá passando, eu sei a angústia que é quando um filho não tá bem, quando passa do terceiro dia com uma febre né, essa angústia, esse alarme que fica na gente.

(Entrevista 2)

O mais interessante de ver foi o amor pelo trabalho deles, como o palhaço de hospital é importante para cada um. Não é o fato de mudarem algo à volta deles, mas o fato do trabalho transformar aos entrevistados.

[...] cada vez mais diz da forma que eu acredito que é me relacionar com as pessoas, com o mundo sabe? Eu acho que a gente tem que ser mais flexível, mais amoroso, e aí amor no maior sentido da palavra, eu faço o meu trabalho com muito amor.

(Entrevista 3)

Outro ponto são as perdas. Na entrevista número um foi dito que eles “ganham muito mais do que perdem”, mas acontece de algum paciente vir a falecer e isso afeta. Pode ser um paciente que estava internado no CTI, ou um que ninguém esperava. É um hospital e essas coisas acontecem o tempo todo. E aí foi ressaltada a importância do trio ou da dupla em cada hospital.

E tem horas, tem momentos que, sempre acontece de sofrer e a gente já sofreu várias perdas que você não espera e aquela pessoa que você conhece a um tempo já e você tem essa relação, você visita diariamente, morre, e às vezes saber disso ou se tem uma criança no CTI muito mal, tem hora que você vê a sua parceira ou você mesmo dá aquela descompensada, e aí por isso que é bom tá em dupla ou em trio porque o outro também dá uma salvada, puxa você pro canto, e aí a gente vê, porque pode ser até que ele consiga voltar a trabalhar, aí também a gente tem que respeitar isso. Já aconteceu isso, de a gente ter que ir pro cantinho, porque pegou, o negócio pegou feio sabe? A gente respira e consegue continuar, e assim acontece.

(Entrevista 1)

Perguntamos se havia alguma história em especial que tivesse afetado mais, e por coincidência, os três entrevistados citaram a mesma situação, a mesma pessoa. Um menino que tinha características altistas e tinha uma rotina exata, e ao longo do trabalho que foram fazendo com ele isso foi mudando e foi se criando cada vez mais uma liberdade. Mas o menino veio a falecer e isso afetou muito a cada um dos entrevistados.

Teve uma mais recente, de um menino que era nosso parceiro por todos esses anos, desde que eu entrei no hospital dos servidores, [...], ele devia ter já uns treze, quatorze anos, mas quando a gente conheceu ele tinha uns sete. Ele era debilitado, ele tinha uma doença auto degenerativa. Ele não tinha nenhum problema mental não, mas a própria doença fazia ele ter uma "alteraçõzinha", então ele era todo conectado, ele tinha um laptop na frente dele, quer dizer depois de um tempo ele ficou no laptop né, porque no início não tinha muito isso, a televisão ligada, uns cartões na mão, e ele não saía daquela cama. E a mãe dele, era meio maluca, mas ficava lá cuidando

sempre, e ele tinha uma coisa que cada hora ele cismava com uma rotina que se repetia, e pra gente assim, era uma luta mudar a rotina, mas a gente acabava fazendo a mesma porque ele se divertia e acompanhava, era aumentar a televisão e diminuir, depois virou conversa de futebol, depois vieram as vinhetas da rádio globo que ele ficava escutando no negócio, aí depois Roberto Carlos, que tudo era música do Roberto Carlos e ele queria que dublasse, mas era uma figura sabe, eu adorava, porque a gente ficava muito com ele, foram muitos anos passando pelo quarto dele e a gente já sabia mais ou menos o que ia fazer e o que esperar dele. E faz um mês mais ou menos, ele morreu assim, subitamente, de uma certa maneira ele não teve mais o sofrimento além do que ele tinha, simplesmente parou o coração, e eu não imaginei, a gente sempre via ele lá e ele era um que eu não imaginava que pudesse acontecer alguma coisa, embora eu soubesse que a situação dele era horrível, ele tava ali por anos e ia ficar ali até de fato, morrer, que foi o que aconteceu. Mas era um parceiro que até hoje é difícil a gente entrar no hospital e saber que ele não ta, porque a gente entrava e ele tava sempre, já era uma "propriedade" do hospital.

(Entrevista 1)

E aí ele morreu ano passado e foi tipo "Como assim? Ele é pra sempre", a gente tava acostumado a ter ele sempre né, "ah vamos nele agora ou vamos nele depois?" "Não, pera aí, ele precisa de muita energia depois a gente vai".

(Entrevista 3)

Mas eu acho que foi o envolvimento mais pessoal assim que eu tive, eu sinto um envolvimento pessoal assim muitas vezes, principalmente com esses pacientes, ou porque a gente tem uma relação muito legal assim de brincadeira né.

(Entrevista 3)

Então esse é um que pra mim foi forte assim, e que foi recente.

(Entrevista 2)

E vê o quarto vazio cara, foi muito forte.

(Entrevista 2)

O trabalho do palhaço de hospital é feito pelo encontro, e é a partir desse encontro que a ligação entre o trabalhador e o paciente se dá. E com essa ligação, muitas vezes se torna difícil separar o profissional do pessoal.

Eu acho que o trabalho é aquele encontro, eu não sei, assim, a gente se envolve pessoalmente e não tem como separar a minha emoção e tem vezes que é muito duro isso, porque o paciente às vezes morre e a gente não quer nem perguntar [...]. Da mesma forma que eu levo isso pra minha vida que eu não tenho como separar o tipo de trabalho que eu faço com o tipo de crescimento pessoal e emocional que eu tenho, por fazer esse trabalho, eu não separo muito. Mas ao mesmo tempo é aquilo sabe? A gente tenta preservar aquilo, às vezes a gente vai falar com a mãe e a gente sabe que o filho morreu a gente ta sem palhaço, a gente fala, a gente ouve, a gente conversa.

(Entrevista 3)

Assim, esse trabalho que a gente faz é pelo encontro né, é pelo envolvimento, então não tem como não se envolver.

(Entrevista 1)

Mas não se dá só perdas dentro do hospital, como já dito. Alguns pacientes melhoram e vão pra casa e de acordo com entrevistas é muito gratificante ver que esse trabalho teve algum impacto na vida pessoa, não só esse trabalho, mas a junção dele com o trabalho do médico, com o trabalho do enfermeiro.

Então eu acho incrível assim, eu fico feliz, fico muito feliz, fico achando que tem sentido o que a gente ta fazendo entendeu? Que comprova o que eu sinto assim, que

esse trabalho faz sentido, que esse trabalho é necessário nesse sentido assim, porque faz sentido (risos). Então é maravilhoso.
(Entrevista 3)

Então tem gente que você nem lembra, porque são tantas crianças, mas às vezes você vê uma menina ou um menino e tal, que já ta enorme, com cabelão e antes tava careca e agora só ta indo lá fazer um check up, e já ta uma mulher, um homem e aí falam assim "ah eu lembro de você" e você olha e fala "caraca eu não acredito, era você", depois de tanto tempo você reconhece normalmente pela mãe, porque a mãe muda menos, aí dá uma alegria muito grande, e aí você vê uma vitória sabe? Criança é guerreira pra caramba, eu falo dessa coisa de perda mas a gente perde muito menos do que ganha, criança é muito guerreira, tem umas que você vê que ficam mal abessa, assim, toda inchada aí desincha e não sei o que, vai pra casa e volta, e aí reverte e é isso. Daqui a uns anos você encontra e já ta uma moça já ta um rapaz e aí fala "poxa que legal" sabe, isso é muito bom.
(Entrevista 1)

Com isso tudo, os entrevistados ainda declararam que fazem seu trabalho por amor e que a cada dia se apaixonam mais por ele.

Aí foi isso, eu fiz esse trabalho, aí continuei me apaixonando e me apaixono cada vez mais.
(Entrevista 1)

[...] cada vez mais diz da forma que eu acredito que é me relacionar com as pessoas, com o mundo sabe? Eu acho que a gente tem que ser mais flexível, mais amoroso, e aí amor no maior sentido da palavra, eu faço o meu trabalho com muito amor.
(Entrevista 3)

Procuramos saber também o que motivava a cada profissional para que seguisse com o trabalho.

Os entrevistados antes de trabalharem como palhaços de hospital tiveram alguma experiência como atores, como já dito, todos são formados em artes cênicas, e quando tiveram o contato com o palhaço, de acordo com eles, foi onde se encontraram e isso os motivou a trabalhar com essa arte. Uma das entrevistadas inclusive conheceu o trabalho através da enfermaria do riso.

E eu gostava muito, mas eu sentia como se faltasse alguma coisa, e aí quando eu tava acabando de me formar me chamaram pra fazer um espetáculo, um grupo de teatro de Montevideu que trabalhava na rua e fazia muita coisa de palhaço assim, baseado na linguagem do palhaço, e o palhaço na verdade ele não trabalha com quarta parede, o palhaço tá aqui e agora e ele se dirige à plateia diretamente, ele tá no mesmo tempo e no mesmo espaço que você, pode ser no palco, pode ser representando alguma coisa, mas ele está aqui agora né, e pra mim começou a fazer algum sentido assim, eu olhava pra plateia, a plateia me olhava, aí eu fazia uma coisa e percebia que eles riam e podia fazer mais, aí eu podia modificar a minha ação de forma que eu pudesse me relacionar de forma melhor com a plateia.
(Entrevista 2)

Então já estava assim pegando o gosto, e em Belo Horizonte eu fui fazendo vários cursos de palhaço, e fui me sentindo identificada, sentia que eu me saia bem nos exercícios sabe? Parecia que todas as coisas que você naturalmente faz sempre pra nada parecia que servia pra alguma coisa né? O palhaço tem uma questão bem forte da empatia né, o palhaço quando entra em cena você tem que sentir que você tem algum elo com ele, ele tem uma coisa forte com a comunicação. Então eu senti que realmente é isso que eu sei fazer assim.
(Entrevista 2)

E eu adorava isso, na época por causa da enfermagem eu fui assistir os Doutores da Alegria e aí eu vi a Beatriz Sayad trabalhando no hospital [...]e aí eu conheci essas figuras que eram da UNIRIO também e que eu achava incríveis e eu fiquei encantada e aí pensei que eu queria fazer isso.

(Entrevista 3)

Eu fui começar a fazer teatro porque eu não falava praticamente assim, eu tinha muita dificuldade de me expressar, e aí eu encontrei no palhaço uma linguagem artística que me permitia ser eu.

(Entrevista 3)

O trabalho do palhaço é muito importante para cada paciente, pois afasta a realidade do ambiente em quem vivem, e isso é muito reconhecido por cada entrevistado. Mas também há a importância desse trabalho na vida de cada profissional.

É uma maneira que eu acho que você tem de praticar e fazer uma coisa que é super legal, você tá fazendo um trabalho que também é social, mas você tá praticando a sua arte né.

(Entrevista 1)

Eu não consigo me ver sem fazer ele mais sabe, não é porque eu tô ajudando as pessoas, claro que é isso também, mas é porque isso me enriquece tanto enquanto artista e eu acho que isso é uma coisa importante de ser levada pra quem não tem esse acesso, pra quem tá ali no hospital. Hospital não tem nada de bom cara, você só tá ali porque você precisa se curar, o cara precisa te furar, precisa te acordar, precisa te deixar sem comer, precisa de muita coisa ruim, claro pra fazer uma coisa boa, que é você se curar, mas é um ambiente que, imagina pra criança, que devia tá pulando, brincando e não sei o que, tá ali. Então assim, é claro que eu considero isso muito legal, mas se isso não me enriquecesse artisticamente, eu não optaria por isso, quer dizer, é porque eu acho que isso é uma maneira de acrescentar e que eu também veja que faz bem assim.

(Entrevista 1)

Então eu acho que isso ensina muito pra mim como atriz a trabalhar com o aqui agora, a lidar com o que realmente eu estou vendo sabe, e ao mesmo tempo como reverter isso na ação, e isso eu acho que foi o aprendizado mais forte pra mim como atriz e porque o palhaço foi me transformando também.

(Entrevista 2)

O palhaço me permitiu um autoconhecimento muito grande assim, nesse lugar que eu tô falando que é a saúde, eu acho que rir da gente mesmo é um sinal de saúde e eu acho que por isso que é importante. E eu acho que eu vejo essa importância na minha vida, é uma coisa muito fundamental e indissociável sabe, o que eu acredito no meu trabalho é o que eu acredito e tento cada vez mais praticar na minha vida, porque eu também comecei a identificar eu na vida, e como eu era palhaça em várias situações e não me dava conta assim, e aí é aceitar.

(Entrevista 3)

E é a importância desse trabalho para cada um deles que os motiva a continuar, que os motiva a seguir em frente, ao ponto de os três entrevistados chegarem a conclusão que não se veem fazendo outro trabalho que não esse. Além disso, há o fato de a partir do trabalho do palhaço se sentirem livres para fazer qualquer outro trabalho.

Tem uma coisa que é muito simples assim, primeiro porque eu não me vejo não fazendo, então por isso já é muito importante. Eu vou dar um jeito de tá fazendo esse trabalho, mesmo que saia patrocínio e tal, mas eu vou dar um jeito pra que esse trabalho aconteça, sempre vendo um jeito para viabilizar que isso aconteça de uma maneira que eu acredite. Mas pra mim ele é vital, fundamental, assim, me interessa

como pessoa, me interessa como artista, eu acho que faz um bem social pra cidade, então por isso que eu acho ele fundamental.
(Entrevista 1)

Depois que você faz um trabalho de palhaço e vai de novo fazer um trabalho de ator, uma peça por mais fechada, por mais marcada e que respeita muito o texto do diretor, você tem uma liberdade interior, porque você já aprendeu a estar de outra forma em cena, e muito calcada na relação, você vai se alimentando do que o espectador vai te dando assim. E isso modificou minha vida como atriz e como pessoa também né, você tem um novo olhar sobre a vida, então pra mim eu não sei qual será meu caminho daqui pra frente, mas eu acho que uma vez você palhaço, você é palhaço para sempre assim. Mas acho que pra mim foi uma grande descoberta e uma super ferramenta assim, como atriz e como pessoa né, e hoje em dia eu aposto muito nisso assim, que há outra forma de ser, existe outra forma de se relacionar, existe outra forma, o palhaço é aquele que encontra sabe? Sabe água quando tem infiltração, e é difícil porque a água ela vai por onde ela quer, e o palhaço é essa figura, você pode botar mil empecilhos que ele vai encontrar um jeito de entrar.
(Entrevista 2)

É importante pra mim porque é o que eu gosto de fazer, é o que eu amo fazer, a única coisa que eu me imagino realmente fazendo até não conseguir mais fazer, por isso ele pra mim é fundamental. Acho que isso que a gente faz, esse lugar que a gente circula no hospital, na verdade acho que o palhaço é necessário no mundo, em qualquer lugar. Acho que no momento que a gente parar de rir da gente mesmo, sei lá, acabou assim, vai ficar só a gente se levando muito a sério, e eu descobri pra mim que eu era uma pessoa muito mais séria do que eu sou hoje, no sentido de levar as coisas muito a ferro e a fogo, comigo mesma, no sentido de ser muito exigente, ser muito dura comigo sabe? E inflexível com os meus erros, então como isso foi importante pra mim, descobrir que tem uma outra maneira de ser e quem me mostrou isso foi o palhaço, eu acho que isso numa comunidade humana é muito necessário assim, e independente das tragédias e tristezas.
(Entrevista 3)

5 CONCLUSÃO

Ao longo dos anos, o palhaço foi crescendo e ganhando destaque e visualização por seu trabalho, mas vimos que o palhaço comum que aparece na TV ou no circo, não é como o palhaço de hospital. O palhaço de hospital não procura o riso como efeito, mas a ligação humana, a conexão com o outro.

Essa figura trabalha de forma humanizada e promove a saúde a cada dia, usando de outras estratégias, que não são os aparelhos médicos ou remédios, para que o paciente possa melhorar ou ao menos se desligar do mundo do hospital.

O palhaço de hospital é um ser como qualquer outro e luta dia após dia para que possa manter a sua vida e o seu emprego, como qualquer trabalhador. Seu trabalho é deixar simplesmente que os outros vejam a sua fraqueza, levando o riso e alegria para as pessoas. Ele é aquele que foca na saúde ao invés da doença.

E para buscar compreender esse trabalho, entrevistou-se três palhaços do grupo Roda Gigante, e a partir disso vimos que o palhaço de hospital é um trabalhador como qualquer outro, que exerce sua função em busca de crescimento e dignidade.

A ligação e a conexão do palhaço com o paciente quebra qualquer expectativa, pois quando se está internado, não se espera que um palhaço apareça em um hospital.

Mas para isso é necessário técnica, respeito e carisma. Com o grupo Roda Gigante, viu-se que isso é o que não falta. O grupo trabalha mais com crianças e acontece da criança ter medo, ou simplesmente rejeitar a visita do palhaço, e o que fazer nessa hora? Por isso existe o treinamento, ele ajuda cada profissional a saber o que fazer nessas horas.

As motivações e emoções sentidas por cada profissional são diferentes, mas todas elas se ligam ao mesmo propósito. E é esse o diferencial de cada palhaço, o que cada um faz para interferir de maneira positiva no trabalho em saúde, onde tudo precisa ser medido com exatidão.

Os palhaços de hospital abrem uma porta onde existe conversa, jogo e muita risada. Às vezes por ficarmos sobrecarregados com os problemas do dia a dia acabamos adoecendo, então essa conversa ou essa forma diferente de encarar a realidade, pode ajudar.

Ao longo do trabalho abordou-se diversos temas, como por exemplo, a formação dos profissionais que escolhem esse ofício, o que eles sentem e como fazem para dar certo. Porém, o mais interessante e contagiante foi ver em cada profissional entrevistado, o amor e o respeito pelo trabalho deles, o que faz acreditar que realmente existe um sentido para tudo isso, e que uma simples atuação dentro de um hospital pode ser algo muito relevante e importante para a saúde de cada paciente.

Através de cada fala, só foi comprovado que o trabalho deve ser escolhido com amor e deve ser o que realmente se gosta de fazer, porque quando gostamos do que fazemos sempre damos o nosso melhor. E esse trabalho exercido por eles exige técnica e respeito.

Com as entrevistas viu-se que eles não possuem expectativa antes de entrar nos quartos do hospital, porque cada pessoa exige uma abordagem diferente. Destaca-se, nesse processo, o encontro, a interação, que envolve os diferentes sujeitos. E também existe o fato de eles acreditarem naquilo que estão fazendo, e acreditarem que dá certo e que tem resultado, que a atuação deles pode sim fazer um paciente melhorar e superar a dificuldade enfrentada da melhor forma possível.

As entrevistas foram realizadas com três participantes do grupo Roda Gigantes, que possuem significativa experiência com a palhaçaria de hospital. Sugere-se, entretanto, que futuros

estudos possam abordar um número maior de sujeitos, possibilitando a identificação de aspectos não evidenciados nesse estudo.

Trabalhar com pessoas é um muito subjetivo, cada um pensa de uma maneira e tem formas diferentes de aceitação. Então, vemos que a formação e o treinamento são essenciais, pois em muitas situações se não houvesse essa base, poderiam ficar sem saber o que fazer ou como agir.

O trabalho do palhaço de hospital é diferente do trabalho de um ator, o palhaço está ali para interagir, e conversar, e tentar tirar o foco da doença mesmo que por um momento. E o palhaço de hospital é justamente essa figura, que foca na saúde e busca uma cumplicidade tentando convencer o outro de algo importante, como levantar a cabeça e enfrentar o problema que nesse caso, é a doença.

O riso pode ser considerado por muitos uma forma de distração, mas vimos ao longo do trabalho é somente uma forma de enfrentar a realidade da rotina no hospital com humor, como disse um dos entrevistados, mesmo que seja “um humor negro”.

Esse trabalho do palhaço de hospital é uma forma de promover a saúde e intervir naquilo que está padronizado na sociedade. O palhaço de hospital não quebra só a expectativa dos pacientes, mas dos profissionais que trabalham no hospital em geral. Existe uma hierarquia onde enfermeiro se relaciona com enfermeiro, médico se relaciona com médico, e o palhaço de hospital permeia isso tudo.

Finalmente, pode-se concluir que essa profissão tem um sentido na vida das pessoas e na vida de cada profissional. O palhaço não é o ser politicamente correto e nem tenta agradar ninguém, mas exige sinceridade e carisma de cada trabalhador. É uma profissão que exige técnica, respeito e cumplicidade, e algo que começou de uma forma tão pequena e criticada, hoje está espalhada pelo mundo.

6 ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA:

-Data da entrevista:

- Dados de identificação:

Nome:

Data de nascimento: Idade:

Formação:

Vínculo profissional:

Tempo de trabalho com a arte da palhaçaria:

- 1- O que o levou a trabalhar com a arte da palhaçaria? Como foi essa escolha?
- 2- Quando está fazendo seu trabalho, cumpre somente o seu papel de ator ou existe algo para além disso? Qual é o diferencial para realizar esse trabalho?
- 3- O que sente ao ver que o que faz pode realmente mudar o quadro de um paciente?
- 4- O senhor(a) já se envolveu com a história de algum paciente? Como foi essa história?
- 5- Quais são as suas expectativas ao entrar no quarto de um hospital? O que espera receber do paciente?
- 6- Como se sente ao entrar no quarto de hospital e ver o olhar de curiosidade de cada

paciente?

- 7- Já houve casos em que o paciente não se sentiu confortável ou não gostou da representação do palhaço? Como foi?
- 8- Já houve casos em que algum paciente ficasse com medo do palhaço?
- 9- O senhor(a) acredita que o seu trabalho possa modificar as relações de médico e paciente ou até mesmo entre os trabalhadores? De que forma?
- 10- O senhor(a) considera o seu trabalho importante? Por quê?
- 11- Conte-nos um pouco sobre sua história de vida e suas experiências na área

7 ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para profissionais da área da saúde que trabalham com a arte da palhaçaria em hospitais

Você está sendo convidado (a) para participar em uma pesquisa como voluntário(a), por meio de uma entrevista. Após apresentação dos objetivos e métodos do projeto, no caso de aceitar a fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa intitulada "Um Ser Palhaço: Motivações e Emoções. Estudo sobre o palhaço de hospital no município do Rio de Janeiro", desenvolvida pela aluna do Curso de Gerência em Saúde, Tainan de Freitas Manso, orientada pela pesquisadora Maria Luiza Silva Cunha, do Laboratório de Gestão (Labgestão) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

O objetivo da pesquisa é estudar as motivações e emoções sentidas pelo profissional que escolheu trabalhar com a arte da palhaçaria em hospitais. Quanto às técnicas, além da revisão bibliográfica, serão realizadas entrevistas com a participação de um grupo específico, que será convidado porque atuam na área da saúde utilizando a arte da palhaçaria como um recurso. A entrevista é uma técnica de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação, onde o pesquisador formula perguntas orientadas, com um objetivo definido, dentro de uma interação social com o respondente.

As entrevistas têm duração estimada de uma hora, serão gravadas em meio digital e em seguida transcritas. As informações obtidas são confidenciais, os profissionais entrevistados serão identificados unicamente por sua função, cargo ou condição de representante institucional. É preciso esclarecer que há o risco de a identificação pessoal ocorrer indiretamente, devido ao período de realização da pesquisa. Todos os dados coletados nas entrevistas serão armazenados em banco de dados eletrônicos acessível exclusivamente à equipe de pesquisa e mantida sob controle do pesquisador principal. Os documentos em mídia papel serão igualmente arquivados e mantidos sob sigilo também sob a guarda do pesquisador principal.

A colaboração não é obrigatória, e que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento quanto a sua participação. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – FIOCRUZ, instituição responsável pelo projeto.

CONTATOS

Maria Luiza Silva Cunha

Professora pesquisadora

Laboratório de Educação Profissional em Gestão à Saúde (Labgestão)

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ).

Telefone nº (21) 3865-9780, 3865-9782.

E-mail: luizacunha@fiocruz.br.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito do estudo "Um Ser Palhaço: Motivações e Emoções. Estudo sobre o palhaço de hospital no município do Rio de Janeiro". Fui devidamente informado, esclarecido pelo pesquisador (a) _____ sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e Data: _____, ____/____/____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Ana. Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação. 2007.
- BERNARDES, A. G. e col. Vínculo e Práticas de Cuidado: Correlações entre políticas de saúde e formas de subjetivação. Programa de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco. 2012.
- BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. 2000.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS Política nacional de Humanização (versão preliminar). Brasília, 2001.
- MATRACA, M.V. Campos. Alegria Para A Saúde: A arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para o Sistema Único de Saúde. 2009. Tese (Doutorado em ciências). Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, 2009.
- MACHADO, L. V. e col. Teoria das Emoções em Vigotski. 2012.
- MATRACA, M.V. C. e col. Dialogia do Riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria.
- MENDES, Glenda. O Trabalho Dignifica o homem. 2013.

- MOTIVAÇÃO. [acessado em 2016 fev. 20]. Disponível em: <http://novouniversorh.blogspot.com.br/p/motivacao_18.html>.
- FALOU E DISSE. [acessado em 2016 jan. 28]. Disponível em: <mundoclown.com.br/falouedisse/karandashpalhacorusso>.
- NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. 1996.
- O PALHAÇO. [acessado em 2016 jan. 28]. Disponível em: <http://www.fascs.com.br/operacao_de_riso/?Dados=opalhaco>.
- OS DOUTORES PALHAÇOS. [acessado em 2016 jan. 28]. Disponível em <<http://www.narizvermelho.pt/Os-Doutores-Palhacos>>.
- PACHECO, Gabriela. Saúde Plena. 2013.
- PALHAÇO KARANDASH. [site na Internet]. [acessado 2016 jan 28]. Disponível em: <http://www.mundoclown.com.br/falouedisse/karandashpalhacorusso>.
- QUEM SOMOS. [site na Internet]. [acessado em 2016 set. 07]. Disponível em: <rodagigante.org>.
- ROVENA, Rosa. Palhaçaria e Saúde e o Mundo Afora. 2011.
- SERRA, José. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. 2001.
- SIGNIFICADO DE MOTIVAÇÃO. [acessado em 2016 fev. 20]. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/motivacao/>>.
- TAVARES, M. F. L. e col. Promoção da saúde como política e a Política Nacional de Promoção da Saúde.
- VIANA, Eliete Augusta de Souza; MACHADO, Marília N. M . Trabalho, subjetividade e transformação. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).